

Escritores serranos: precursores reunidos por Martins de Oliveira

Ângela Maria Salgueiro Marques¹

Este texto surge da tentativa de rememorar os escritores serranos mencionados no livro *História da Literatura Mineira*, de Martins de Oliveira (membro da Academia Mineira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais), obra publicada em 1958, sendo que o volume de que disponho é de 1963, 2 ed., editado pela Imprensa Oficial de Belo Horizonte. Assim, para falar desse assunto que nos toca, a nós serranos particularmente, passei a pesquisar sobre esses escritores, muitos deles agora patronos de nossa Academia². Dessa forma, resolvi relacioná-los dando ênfase ao aspecto literário, e tal resolução se justifica porque prezo muito essa área na qual tenho minha formação. Cumpre esclarecer que não é uma pesquisa inovadora, uma vez que vários estudiosos já se debruçaram sobre o tema, bem como outros nossos conterrâneos, por exemplo, Aluizio Ribeiro de Miranda, Maria de Lourdes Moreira Pires, Maria Eremita de Souza e, especialmente, Maria Coeli Simões Pires, que organizou e publicou o livro intitulado *Academia Serrana de Letras – ASEL: um tributo à cultura nos trezentos anos da Vila do Príncipe*, só para citar alguns nomes e não correr o risco de esquecer tantos célebres pesquisadores que honraram a memória de nossa terra.

Com esse objetivo em mente, orientei-me pelo livro de **Cândido Martins de Oliveira Júnior (1896-1975)**, mais conhecido como Martins de Oliveira, que é mineiro e deixou publicadas várias obras. Ocupou a Cadeira número 23 da Academia Mineira de Letras, cujo patrono é **Joaquim Felício dos Santos (1828-1895)**, tendo como fundador **Dom Joaquim Silvério de Sousa (1859-1933)**.

¹ Mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada pela UFMG. Membro da Academia Serrana de Letras – ASEL.

² Tal tentativa se potencializou por ocasião do lançamento oficial da Academia Serrana de Letras – ASEL, ocorrido em 09-10 dez. 2022, no Serro.



Cândido Martins de Oliveira Júnior (1896-1975)



Joaquim Felício dos Santos (1828-1895)



Dom Joaquim Silvério de Sousa (1859-1933)

O autor realizou um valioso trabalho de recolha de dados, perfazendo 412 páginas, nas quais levantou as principais atividades artísticas de Minas Gerais desde meados do século XVI até o período do Modernismo. Dentre os autores contemplados no referido volume, fiz um recorte para relacionar os escritores serranos, resgatando sua memória e ressaltando suas principais obras e determinadas qualidades já evidenciadas pelo autor. Não cabe, no âmbito deste trabalho, um comentário extensivo sobre cada um desses ilustres conterrâneos arrolados por Martins de Oliveira. Seguirei a ordem que consta no referido volume, o qual percorre as escolas e

tendências de formação da história da literatura mineira, ressalvado o risco de omissão de alguns nomes. Vale lembrar que o índice onomástico é bem extenso, com um total de 19 páginas (391-409). Além disso, alguns nomes são registrados *en passant*, dificultando identificá-los corretamente.

Já nas Prenotações, após a Advertência, o autor faz menção a um dos primeiros nomes serranos: “**Nelson de Sena (1876-1952)**, mineiro ilustre, entre os que melhor souberam compreender a sua gente, traça com mão de mestre as linhas centrais da *psyché* do homem das montanhas” (p. 25).



Nelson de Sena (1876-1952)

Martins de Oliveira destaca o humanismo e o estudo do latim em várias cidades históricas mineiras, tais como Vila Rica, Sabará, Tejuco, São João del-Rei, Vila do Príncipe (Serro), Caeté, Minas Novas, Pitangui, Campanha, Paracatu, Congonhas do Campo, Conceição do Serro (Conceição do Mato Dentro) e, mais tarde, o Caraça. Exemplo notável, de acordo com o autor, foi o Ministro **Edmundo Lins (1863-1944)**, que sabia de cor trechos do *Corpus Juris Civilis* (p. 115).



Edmundo Lins (1863-1944)

No que concerne à poesia, Martins de Oliveira exalta a figura marcante de **José Elói Otoni (1764-1851)**, de vigoroso talento poético e intenso espírito religioso. Estudou em Itália e Portugal, com o desejo de seguir a carreira eclesiástica. De volta à Pátria, intensificou seus ideais místicos, tornando-se o iniciador da poesia religiosa, sob aspecto literário. Foi amigo de Bocage e de Bressane e com eles fundou uma associação de acentuado espírito arcádico. Ao marcar-lhe lugar de relevo na Escola Mineira, Sílvio Romero deu-lhe o nome de “patriarca dos novos poetas brasileiros” (p. 117-120). José Elói Otoni exerceu grande influência em seu irmão Teófilo Otoni e, quando o Brasil alcançou a liberdade política, escreveu o soneto “A Independência do Brasil – 1822”, transcrito no referido volume. Fato curioso é também um soneto recitado pelo poeta diante de Dom João VI, quando o Brasil se agitava pela causa constitucional. De acordo com a fama, o soberano não gostou da expressão “Escravos”, empregada no final do poema, e exclamou: “Escravos, não! Vassalos!” Ao que os presentes protestaram: “Pior! Pior!” Não restou ao soberano senão ficar em silêncio. José Elói Otoni legou-nos as obras *Provérbios*, parafraseando Salomão, em quadras, e o *Livro de Jó*, em tercetos. Há notícia de que publicou, na Bahia, *Anália de Josino*.



José Elói Otoni (1764-1851)

Sobre os primeiros jornais surgidos em Minas, convém registrar que o primeiro deles foi *O Compilador Mineiro*, seguido por *Abelha do Itacolomi*, *O Universal*, *O Companheiro do Conselho* e, mais tarde, *O Astro de Minas*, em São João del-Rei (1827), *O Eco do Serro*, em

Diamantina (1828), *Liberal do Serro* (1831), *Sentinela do Serro* (1830), entre outros (p. 128-129).

Digno de nota é o fato de que foi em um jornal do Rio de Janeiro, *Atualidades*, de **Flávio Farnese (1836-1871)**, que surgiu a crítica literária, sob a responsabilidade de Bernardo Guimarães (p. 199). Flávio Farnese escreveu Biografia do Cônego José Antônio Marinho (p. 189).

Destaque-se, ainda, o periódico *Jequitinhonha* (1861-1873), folha comercial, agrícola e noticiosa, que publicou folhetins de **Joaquim Felício dos Santos (1828-1895)**. Este autor, nascido do Distrito Diamantino, à época pertencente ao Serro, alcançou renome nacional no jornalismo, sendo diretor de *A União*, e escrevia com vastos conhecimentos jurídicos. Além de trabalhos inéditos, também deixou obras publicadas, como: *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio* (1861-1863), *Anteprojeto do Código Civil*, a novela fantástica *Os invisíveis* (1861) e o romance indígena *Acaiaca* (1862-1863). “Nas *Memórias*, ele denuncia o despotismo da Coroa e, em *Acaiaca*, evoca a coragem e a resistência dos índios da região aos conquistadores brancos” (MERQUIOR, 1996, p. 121-122).

Antônio Felício dos Santos (1843-1931) Natural de Diamantina, cursou Medicina no Rio de Janeiro, destacando-se como político e jornalista brilhante. Fundou o jornal *A União* (p. 224). Era irmão de Joaquim Felício dos Santos e também teve um filho com seu nome.

Ainda a respeito do periodismo de Minas, o autor ressalta a figura de Teófilo Otoni, com as seguintes palavras:

Colaborador do *Astro de Minas* e do *Eco do Serro*, abandonando a Corte, internou-se em Minas, levando para as suas atividades políticas uma tipografia, onde imprimiu a *Sentinela do Serro*, sob sua direta responsabilidade, escrevendo da primeira à última página todos os artigos (p. 129).

Teófilo Otoni (1807-1869), conhecido como Ministro do Povo, era, segundo Martins de Oliveira, “impetuoso, bravo, indomável. Liberal por índole, despejava lavas flamejantes de objurgatórias contra a tirania” (p. 167). Não vou me alongar sobre as grandes obras desse ilustre conterrâneo, pois Paulo Pinheiro Chagas dedicou-lhe um primoroso estudo, demonstrando sua força e luta em prol de nossa pátria. Sugiro, outrossim,

pesquisar o verbete a ele relacionado no *Dicionário bibliográfico brasileiro*, de Sacramento Blake, que nomeia e enaltece seus grandes feitos.

Na lista de oradores mineiros, o autor louva a figura do irmão de Teófilo Otoni, **Cristiano Benedito Otoni (1811-1896)** (p. 167) e comenta que ele publicou “Biografia de Teófilo Otoni e Pedro II” (p.189).

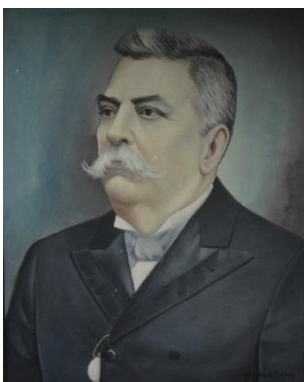


Teófilo Otoni (1807-1869)



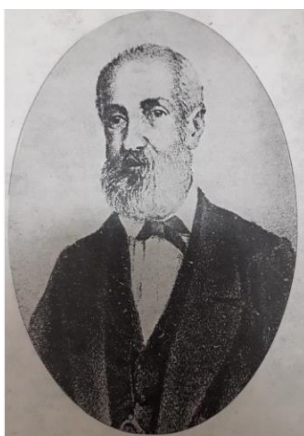
Cristiano Benedito Otoni (1811-1896)

Outros historiadores são lembrados, entre os quais **Carlos Honório Benedito Otoni (1846-1919)**, sobrinho de Teófilo Otoni, o qual escreveu “Perfis Biográficos de Mineiros Distintos” (p. 189).



Carlos Honório Benedito Otoni (1846-1919)

Não há como desconsiderar o talento de outros dois irmãos: **João Salomé Queiroga (1810-1878)** e **Antônio Augusto de Queiroga (1812-1855)**. **João Salomé Queiroga** foi magistrado e começou seus estudos em São Paulo, indo depois para a Faculdade de Direito onde se diplomou. Ao receber a notícia de que fora nomeado desembargador da Relação de Recife, não resistiu à emoção, vindo a falecer. Foi companheiro de Flávio Farnese, Lafayette, Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães. Era tímido, mas, de vez em quando, usava alguma ironia, como a quadra referente à estátua equestre de Pedro I, a chamada Mentira de Bronze, segundo Teófilo Otoni: “Pobre país, não tens fé, / Não te causa o crime abalo! / Deixas a virtude a pé / E pões o vício a cavalo! (p. 145).



João Salomé Queiroga (1810-1878)

Martins de Oliveira registra certo pieguismo em sua poesia, mas sempre aponta os motivos de seus versos, colhidos na alma lírica do povo, numa linguagem simples.

Sobre João Salomé Queiroga, acrescento que pesquisei sobre ele e consegui uma cópia xerográfica de suas três obras, a saber: *Canhenho de poesias brasileiras*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1870; *Arremedos: lendas e cantigas populares*. Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1873; e o romance *Maricota e o padre Chico* (Lenda do rio de S. Francisco)³. Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1871. Sobre este último volume, escrevi um ensaio que foi publicado na Revista *O eixo e a roda*, da Faculdade de Letras da UFMG, v. 25, n. 2, p. 237-254, 2016.

³ Essa obra está disponível no seguinte site da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5327>

Convém registrar que Martins de Oliveira atribui erroneamente o romance acima referido a Antônio Augusto de Queiroga (p. 164).

Antônio Augusto de Queiroga nasceu no Serro em 1812, mas certos autores acreditam que ele tenha nascido em 1811. Faleceu aos 44 anos de idade e não chegou a publicar livros. Apesar disso, ele foi mais atuante em seu tempo. Como seu irmão João Salomé, também estudou em São Paulo e, junto com alguns mestres e estudantes de Direito, pertencia ao grupo paulista. Segundo Alfredo Bosi, havia quatro grupos diversos de vertentes do romantismo no Brasil: o fluminense, o paulista, o maranhense e o pernambucano (BOSI, 1993, p. 171-172). O grupo paulista fundou a *Sociedade Filomática*, em cuja *Revista* são defendidas as teses americanistas de Denis e Garrett e em que se destacam as figuras de Justiniano José da Rocha, Salomé Queiroga [Alfredo Bosi não cita o prenome], Antônio Augusto de Queiroga e Francisco Bernardino Ribeiro. Martins de Oliveira elogia Antônio Augusto de Queiroga dessa forma: “Poeta excelente, sem muita pretensão, dedicou-se à sátira, buscando ironizar homens e cousas. Afamado repentista, sabia despertar interesse com seus versos, carregados de graça” (p. 147).

A seguir, o autor transcreve o poema “O carrasco”. Felizmente, José Américo Miranda empreendeu grande esforço para resgatar e coligir as obras de Antônio Augusto de Queiroga, em volume igualmente denominado *Obras*, e o editou com apresentação e notas, em Belo Horizonte, pela Orobó Edições e pela Faculdade de Letras da UFMG, em 1999, com 152 páginas.

Outro serrano ilustre contemplado pelo autor é **João Nepomuceno Kubitschek (1843-1899)**. Nasceu no Serro e faleceu em Diamantina, onde residiu por muitos anos. Foi Senador à Constituinte e Vice-Presidente do Estado. Traduziu a Ode 24, do Livro III, de Horácio. Bom latinista, jornalista, compôs o famoso poema “Hermengarda”, que Martins de Oliveira transcreve nas páginas 150-154.



João Nepomuceno Kubitschek (1843-1899)

Mais uma figura serrana é valorizada por Martins de Oliveira: trata-se de **Aureliano José Lessa (1828-1861)**, que nasceu diamantina e faleceu em Conceição do Serro (Conceição do Mato Dentro), aos 33 anos de idade. Durante os anos acadêmicos em São Paulo, foi companheiro de Álvares de Azevedo. Martins de Oliveira o elogia desse modo: “Impressionante é o poder descritivo do poeta. Através de linguagem fluida, com imprevistos fortes, sabe comunicar às coisas realidade pura, colorido intenso, como se fora maravilhoso pintor” (p. 136). Na sequência, são transcritas algumas estrofes do poema “A tarde” e uma peça poética intitulada “Tu” (p. 137-139). O poeta não chegou a publicar seus poemas, que foram reunidos, pela primeira vez, por seu irmão Francisco José Pedro Lessa, com o título de *Poesias Póstumas* (1873) e com prefácio de Bernardo Guimarães. Trinta e seis anos depois, outro irmão do poeta, Joaquim José Pedro Lessa, reeditou suas poesias. No ano de 2000, José Américo Miranda organizou uma nova edição da obra de Aureliano Lessa, intitulada *Poesias* (desta vez sem o adjetivo *Póstumas*), com apresentação e notas, pela Editora Autêntica, em Belo Horizonte. Aureliano Lessa é patrono da Cadeira número 3 da Academia Mineira de Letras e o fundador é Alphonsus de Guimaraens.



Aureliano José Lessa (1828-1861)

Pedro Lessa (1859-1921) era natural do Serro, militou no jornalismo e pertence a uma família tradicional em que também nascera a grande figura das letras mineiras, que foi Aureliano Lessa. Segundo Martins de Oliveira, Aureliano foi “grande juriconsulto, grande juiz, notável orador, filósofo brilhante e ministro do Supremo Tribunal Federal” (p. 226). Publicou várias obras na área do Direito. Para o autor, “Pedro Lessa foi um luzeiro admirável que ainda perdura intensamente nas letras jurídicas” (p. 227). Em vários concursos para lente da Faculdade de Direito de São Paulo, logrou o primeiro lugar (p. 226).



Pedro Lessa (1859-1921)

Há uma referência ao senador **João Evangelista de Faria Lobato (1774-1846)** que escreveu memória de interesse econômico referente às famílias do Serro Frio. Seu nome é muito lembrado na condição de testemunho da existência da *Arcádia do Rio das Mortes*, no século XVIII (p. 188). Ele era pai de **João Evangelista de Negreiros Sayão Lobato (1817-1894)**, conhecido como Visconde de Sabará, e foi eleito patrono da Cadeira número 21 da ASEL.



João Evangelista de Negreiros Sayão Lobato (1817-1894)

João Pinheiro da Silva (1860-1908) nasceu no Serro e faleceu em Belo Horizonte. Cursou Direito em São Paulo e regressou a Minas, ocasião em que fundou o jornal *O Movimento*. Foi um dos fundadores da Faculdade de Direito, em Ouro Preto, quando ocupava o cargo de Deputado à Constituinte Republicana. Exerceu o cargo de Secretário do Interior no governo Cesário Alvim e, com a ida deste para Ministro do Interior, passou a ser o Presidente de Minas. Para Martins de Oliveira, ele era um “homem de arraigadas convicções pessoais, de virtudes espartanas, tinha a palavra tranquila e bela, repassada de pensamento puro e nobre” (p. 182-183). Quando do falecimento de Cesário Alvim, João Pinheiro proferiu um discurso em Belo Horizonte, do qual o autor extrai alguns trechos. Ele é patrono da Cadeira número 35 da Academia Mineira de Letras, sendo o fundador Navantino Santos (1885-1946), (p. 274).



João Pinheiro da Silva (1860-1908)

Ainda que os nomes desses serranos estejam reunidos em um mesmo volume, os comentários sobre eles estão esparsos, o que dificultou a reunião e sistematização das informações, pelo fato de que são mencionadas de acordo com a produção literária das épocas demarcadas, como se registram no índice: História da Literatura Mineira, Período de formação, Período acadêmico, Período de transição. Humanismo, Período romântico, Parnasianismo, Naturalismo, Realismo, simbolismo até chegar ao Modernismo e Neomodernismo. No entanto, pelo vasto trabalho de pesquisa em que coletou inúmeros nomes responsáveis pela formação da literatura mineira, Martins de Oliveira merece todo nosso reconhecimento.

Alguns nomes, às vezes, são apenas citados em determinado período ou escola, por exemplo: Sabino Barroso, Aurélio Pires, Joaquim de Sales, Antônio Olinto dos Santos Pires, Dario Lins, Leopoldo Pereira, Caio Mário da Silva Pereira (filho de Leopoldo Pereira), e talvez muitos outros sobre os quais não posso afirmar com certeza. A lista é longa. Diante disso, precisei recorrer a outras fontes, acrescidas de minha memória durante o período vivido no Serro e durante os anos acadêmicos vivenciados na UFMG.

De posse desses dados biográficos e bibliográficos, cuidadosamente arrolados por Martins de Oliveira, falecido em 1975, entre outros pesquisadores, resta-nos o trabalho de pesquisar e editar um volume com os escritores serranos contemporâneos. A começar por **Adão Ventura (1939-2004)**, patrono da Cadeira número 1 da ASEL, bem como **Oswaldo França Júnior (1936-1989)**, patrono da Cadeira número 35 e, por que não, dos novos autores que agora compõem o quadro da ASEL como sócios fundadores, eletivos e muitos colaboradores voluntários.



Adão Ventura (1939-2004)



Oswaldo França Júnior (1936-1989)

REFERÊNCIAS

BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. CD-ROM. Organização e estudo crítico: Melânia Silva de Aguiar. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2011.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1993. 584 p.

LESSA, Aureliano. *Poesias*. Edição, apresentação e notas por José Américo Miranda. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 160 p.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. 3 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. 314 p.

OLIVEIRA, Martins de. *História da literatura mineira*. 2 ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1963. 412 p.

QUEIROGA, Antônio Augusto de. *Obras*. Edição, apresentação e notas de José Américo Miranda. Belo Horizonte: Orobó Edições; Faculdade de Letras da UFMG, 1999. 152 p.

Biografias e informações sobre patronos e acadêmicos da ASEL podem ser consultadas em: <http://www.academiaserranadeletras.com.br/cadeiras-patronos-e-academicos/biografia-dos-patronos>